

O conformista



Por **JOÃO LANARI BO***

Comentário sobre o filme dirigido por Bernardo Bertolucci

Fascismo: das palavras que a cultura política do século XX forjou, essa é sem dúvida uma das mais contundentes, carregada de significações e acusticamente poderosa. A etimologia confirma a contundência: o termo é derivado do latim *fascēs*, feixe de varas amarradas em volta de um machado, símbolo do poder conferido aos magistrados na Roma antiga de flagelar e decapitar cidadãos desobedientes.

Hoje, associamos o fascismo à filosofia política que exalta a nação e a raça acima do indivíduo e que defende, no limite, governos autocráticos e centralizados, liderados por ditadores propensos à supressão forçada da oposição. No século XXI, a palavra (e o conceito) se atualizaram no ambiente digital das redes sociais, e passaram também a designar comportamentos e ações que estão à nossa volta: seu uso político, que ganhou com Mussolini e sua turma expressão institucional lá pelos idos de 1919, na Itália, retornou com força total.

O cinema, em particular o italiano, aventurou-se pelos meandros da psique fascista com destreza, sobretudo nos anos produtivos de 1950 a 70, quando era, nas palavras de [Martin Scorsese](#), um dos melhores, senão o melhor, cinema do mundo. *O conformista*, que Bernardo Bertolucci realizou em 1970, é uma das joias dessa cinematografia: composições impressionantes de luz, sombra e linhas diagonais, aliadas a um exuberante design de produção que recria a arquitetura e as artes decorativas da Itália fascista, resultam numa conexão entre a mentalidade que produziu esse mundo e a interioridade do personagem que nele habita, o conformista. Um homem que queria ser um fascista anônimo e perfeito: para enfatizar esse ambiente mental, é preciso contê-lo em espaços singularmente fascistas, construídos por composições exemplarmente fascistas.

Baseado no livro de 1951 de Alberto Moravia, *O conformista* é quase um filme de gângsteres – Orson Welles dizia que o fascismo era o gangsterismo na política. Marcello Clerici (Jean-Louis Trintignant, num de seus melhores papéis), é a âncora que narra os acontecimentos, passados e futuros, como num fluxo de consciência. Em *flashbacks* cronologicamente erráticos, grandes saltos de uma cena para outra, muitos deles irrealistas ou oníricos, refazemos a formação do caráter fascista que distingue o personagem.

Ainda pré-adolescente teve um encontro traumático com o motorista da família, Lino (Pierre Clementi), que o seduz e termina sendo morto pelas mãos de Marcelo: culpa e repugnância. Um casamento oportuno e emocionalmente vazio com Giulia (Stefania Sandrelli) se segue, até que recebe a incumbência de matar seu antigo mentor, Professor Quadri (Enzo Tarascio).

O Professor, que vive exilado em Paris, foi seu orientador na tese que escreveu sobre a alegoria da caverna de Platão – presos que conheceram apenas as sombras na parede, sombras que são a verdadeira versão da realidade. A menção da tese pelo Professor dá ensejo a Vittorio Storaro de produzir um dos melhores momentos fotográficos do filme – que é, claro, pleno de enquadramentos rigorosos e imprevisos, reflexos e tons saturados, sobretudo azuis e vermelhos, capturando a insegurança e o terror que se instalam na alma dos transeuntes.

Marcello torna-se obsessivo com a esposa de Quadri, Anna (Dominique Sanda): os detalhes exatos da missão só se revelam lentamente, causando infelicidade a Marcello. Sua consciência é espacial: trafegamos entre os vastos vazios dos prédios fascistas-modernistas, um hospital psiquiátrico ao ar livre onde seu pai está internado e um salão de baile lotado de

dançarinos parisienses, onde sua esposa dança de rosto colado com sua amante.

Todo esse imaginário é pontuado pela visão a um só tempo freudiana e marxista de Bernardo Bertolucci: o fascismo é matriz histórica de pulsões libidinais e violentas, atomizadas na prática dos indivíduos que a exercem, institucionalmente ou não, como Marcello – mesmo que ele tenha passado a vida escondendo a identidade na fachada anódina de um perfeito conformista, comportando-se da maneira menos aberrante possível, em uma palavra, normal.

Para o público brasileiro, um instante especial: uma breve e fugaz aparição de Joel Barcelos, ator emblemático do Cinema Novo, no grupo de pupilos do Professor Quadri. *O conformista* é um filme sobre a passagem do tempo e a força do destino, mas, como ressalta seu [diretor](#), não converge para uma catarse positivada, como nas tragédias gregas: em lugar do destino, sobressai o inconsciente histórico de Marcello. Perto do fim, ele olha para sua filha pequena e em seguida entra na Roma devastada que ajudou a criar.

**João Lanari Bo é professor de cinema da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB).*

Referência

O conformista

Itália\França\Alemanha, 1970, 107 minutos

Direção: Bernardo Bertolucci

Roteiro: Alberto Moravia, Bernardo Bertolucci

Fotografia: Vittorio Storaro

Elenco: Jean-Louis Trintignant, Pierre Clementi, Stefania Sandrelli, Enzo Tarascio, Dominique Sanda.

Disponível na plataforma MUBI, em cópia restaurada